

Reflexões sobre a variação linguística *Ebonics/Black English* nas aulas de Língua Inglesa no contexto educacional brasileiro

Ana Cláudia Hebling MEIRA ¹
Larissa Souza NASCIMENTO ²

Resumo: A partir de uma pesquisa bibliográfica, o artigo objetiva discutir a pertinência em abordar a variação linguística *Ebonics/Black English* nas aulas de Língua Inglesa, na educação básica, no intuito de desmistificar o uso da norma padrão da língua e refutar o domínio das vertentes anglo-saxônica e eurocêntrica do idioma. As perspectivas teóricas da sociolinguística com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (Brasil) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Inglesa pleiteiam uma pedagogia linguística significativa no âmbito da língua estrangeira (LE). Logo, deve-se buscar um processo de ensino e aprendizagem do idioma que resulte em discentes críticos ante os contextos histórico e social dos sujeitos subjugados em debate. Ao fim das discussões, observa-se como oportuno o ensino do inglês no Brasil, tratando-o sob uma ótica que não se limite à aquisição do idioma em si, mas que estimule a reflexão das singularidades dos sujeitos em seus aspectos sócio-histórico-culturais.

Palavras-chave: Educação; Língua Inglesa; *Ebonics / Black English*.

Introdução

A relevância em discutir a variação linguística *Ebonics/Black English* nas aulas de Língua Inglesa, na educação brasileira, parte da premissa que se baseia em contextualizar o ensino e a aprendizagem do idioma do ponto de vista de uma prática pedagógica significativa, provocando nos alunos a reflexão e a análise, ao discutir que “[...] alguns conceitos parecem já não atender as perspectivas de compreensão de uma língua que ‘viralizou’ e se tornou ‘miscigenada’, como é o caso do conceito de língua estrangeira, fortemente criticado por seu viés eurocêntrico” (Brasil, 2017, p. 241).

Desse modo, este artigo pretende apresentar, por meio dos contextos histórico e social, a pertinência em versar sobre essa variação linguística nas aulas do idioma, assim como enfatizar a relevância em destituir da linguagem o estereótipo que o imaginário social a conceitua, superficialmente, e “[...] exclusivamente como um meio de comunicação”, pois, de fato, segundo Bordelois (2003, p. 10), “[...] esquecemos que a linguagem é antes de tudo um prazer, um prazer sagrado; uma forma, talvez a mais elevada, de amor e de conhecimento”.

¹ Bacharel em Ciências Sociais, Mestre em Sociologia, Doutora em Desenvolvimento Rural. Docente no Programa de Pós-graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores, da UFES e orienta pesquisas com foco na formação de professores em educação do campo e educação em Agroecologia. E-mail: ana.meira@ufes.br.

² Licenciatura em Letras-Inglês, Mestre em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores pela UFES. Docente do Ensino Fundamental na Escola Bery Barreto de Araújo, Presidente Kennedy-ES. E-mail: larissadreams874@gmail.com.

Diante disso, torna-se apropriado mencionar que determinadas abordagens e métodos defendidos pelo ensino da Língua Inglesa, no contexto educacional brasileiro, confluem para a temática apresentada e discutida.

Entre esses métodos, a Abordagem Comunicativa é notoriamente defendida pelas diretrizes curriculares para o ensino da Língua Inglesa. Tal abordagem trata a língua como um intercâmbio comunicativo e interacional real do discurso, centrada em desenvolver no falante da língua-alvo a competência comunicativa, isto é, salientar as práticas e as atividades que produzem diálogos e comportamentos em situações cotidianas em que o idioma ocorre.

Com esse intuito, o idioma, segundo a abordagem em análise, “[...] deve conter não somente elementos linguísticos como também (muito importante) noções semânticas e funções sociais da LE” (Goés *et al.*, 2014, p. 81).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira elucidam que “[...] a aprendizagem é de natureza sociointeracional, pois aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional” (PCN, 1998, p. 57).

Diante desse cenário, vale enfatizar que esse método sustenta a relevância em contextualizar o idioma no processo de ensino e aprendizagem, com o propósito em promover situações comunicacionais que acontecem na realidade dos falantes, resultando, conseqüentemente, em atitudes e interações mais autênticas e naturais.

Ao prosseguir quanto à abordagem em discussão, cabe ressaltar a importância dos princípios da Linguística Aplicada como embasamentos e contribuições na estrutura da tendência em análise, bem como em um contexto abrangente da aprendizagem da língua propriamente dita.

A Linguística Aplicada é descrita como “[...] área de estudo que trata de questões ligadas à linguagem, como os problemas de linguagem, preocupando-se com suas práticas de uso, a prática social e a aprendizagem da língua [...]” (Buchweitz *et al.*, 2018, p. 15).

Por esse motivo a Linguística Aplicada obstina-se em validar a linguagem em sua funcionalidade na vida real, evidenciando a questão comunicativa da língua. Complementa-se, no que concerne a sua aplicabilidade em uma prática pedagógica, proporcionar aos discentes a aquisição de uma consciência linguística, isto é, compreender o idioma sob uma perspectiva multifacetada, a qual representa a língua além da norma padrão³ (e dos modelos

³ “[...] a norma padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados,

hegemônicos) e, conseqüentemente, habilitá-los no “[...] desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto de uso crítico da língua” (Bagno, 2002, p. 15).

Acentua-se que tanto a utilização da Linguística Aplicada quanto a Abordagem Comunicativa convergem para as argumentações a serem apresentadas no artigo, uma vez que se estruturam em apresentar a língua em sua natureza contextualizada e dinâmica, pois ambas (teoria e abordagem) embasam e sustentam uma comunicação autêntica e espontânea, ao mesmo tempo que refutam o preconceito linguístico nas interações que divergem da norma padrão da língua. Denomina-se preconceito linguístico quando há o desrespeito à existência das variações linguísticas e dos diferentes contextos de comunicação.

Destaca-se que a Base Nacional Comum Curricular, além de sustentar uma educação linguística⁴ que contraste com uma concepção de um purismo linguístico, corrobora as premissas das abordagens e métodos aludidos previamente, objetivando a concretização das competências, habilidades e aprendizagens como finalidades pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem nas aulas do idioma. Situar a Língua Inglesa em seu *status* de língua franca⁵ implica compreender que determinadas crenças, como a de que há um “inglês melhor” para ensinar ou um “nível de proficiência” específico a ser alcançado pelo aluno, precisam ser relativizadas (Brasil, 2017, p. 242).

Com esse propósito, determinou-se uma pesquisa bibliográfica, a qual serviu para embasar e fomentar as discussões apresentadas no decurso do trabalho.

Metodologia

Quanto à questão metodológica, este trabalho foi realizado com base em uma pesquisa com abordagem qualitativa, visto que ela busca compreender os fenômenos pela perspectiva da subjetividade, isto é, as ocorrências que não são possíveis de traduzir por dados quantitativos (Strauss; Corbin, 1998).

Para tanto, foi realizada uma pesquisa no site da Capes, utilizando-se dos seguintes buscadores booleanos: “assunto contém *Ebonics*”, “assunto contém *Black English*” e “assunto contém Education”.

corretos e convenientes” (Bagno, 2007, p. 38).

⁴ “[...] uma das principais tarefas da educação linguística é exercitar o olhar do aluno e a sua capacidade de refletir a respeito, levando-o a perceber o quanto o lugar em que ele se situa (muitas vezes sem saber) lhe permite descortinar uma determinada paisagem, mas o cega para outras” (Bagno, 2007, p. 16).

⁵ Conceitua-se língua franca como uma “[...] língua que em tese não possui falantes nativos, [...] é um bem comum a todos que dominam” (Siqueira, 2011, p. 92).

Não houve especificação do período de tempo, a fim de delimitar a pesquisa, visto que o propósito dessa decisão foi justamente visualizar a quantidade de produções resultantes do tema abordado sem especificar o recorte temporal. Ao todo, foram encontradas 17 pesquisas (todas no idioma da Língua Inglesa). Desses artigos, fizeram-se as análises em que foi selecionado somente um trabalho que tinha proximidade com o tema da pesquisa.

Justifica-se a decisão na escolha de apenas uma produção porque ela discute a temática sob uma dinâmica que observa a estrutura da língua sob os vieses dos fatores extralinguísticos (aspectos históricos, sociais e culturais) e, dessa forma, contribuiu para orientar a concepção deste *corpus*.

Quanto à exclusão de trabalhos, justifica-se devido à presença de artigos que, apesar de contemplarem a temática, não foram selecionados, haja vista a não contextualização, de fato, da variação *Ebonics/Black English* como prática educacional que provoque e faça refletir sua ausência nas aulas do idioma e questione o porquê de a norma padrão da língua (entendem-se as vertentes de origem anglo-saxônicas e eurocêntricas) ser imposta sem espaço para questioná-la e sem oportunidade para desafiá-la.

Isso posto, o artigo basilar para as discussões (complementadas por outros trabalhos que dialogam e flertam com a sociolinguística junto ao ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, atrelada à Base Nacional Comum Curricular e aos Parâmetros Curriculares Nacionais) foi o de David Sandles “*Power to the People: Using Black English and Rap to Empower Students*”⁶, o qual foi primordial em apresentar os contextos histórico e social que permeiam o fenômeno linguístico em diálogo com o contexto educacional, mais precisamente nas aulas de Língua Inglesa.

Assim sendo, os dados da pesquisa foram analisados sob a perspectiva de que seus resultados dialogassem com os fundamentos encontrados nas literaturas que se ocupam do objeto em discussão e, de fato, possibilitassem a construção desse *corpus* a ser apresentado e discutido como relevante na análise da língua sob o viés crítico-reflexivo (ante as suas particularidades dinamicidade, flexibilidade e efemeridade), melhor dizendo, a sua capacidade e habilidade em exteriorizar-se imbuída de vivacidade e visceralidade, assim como os sujeitos que fazem o seu uso.

Discussões

⁶ “Poder ao Povo: Usando o Black English e o Rap para Empoderar Alunos”.

Existem discussões dentro do ensino da Língua Inglesa que apontam a pertinência em abordar as variedades linguísticas⁷ no contexto de ensino brasileiro, visto que as diretrizes educacionais prezam por relações humanas permeadas pelas interações linguísticas e culturalmente diferentes como prática social (Brasil, 2017).

Dito isso, a Teoria da Sociolinguística⁸ Variacionista contribuiu significativamente, ao analisar a linguagem humana sob duas perspectivas: a primeira, sob o aspecto social dos fatos linguísticos; e a segunda, sob o aspecto da variabilidade à qual os fatos estão sujeitos. “[...] as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos” (Labov, 1968, p. 243).

Ao discutir o ensino da Língua Inglesa no cenário educacional brasileiro, o idioma padece da mesma situação do ensino da Língua Portuguesa, isto é, da não utilização das variedades linguísticas nas aulas. Isso significa a coerção do uso da norma padrão da língua resultando na imposição do ensino no padrão linguístico e no desprezo das dimensões de que as variedades linguísticas dispõem (Bago, 2002, 2007).

Logo, torna-se pertinente reconhecer que a Língua Inglesa pode transcender essa realidade e posicionar-se como objeto de criticidade e discussões e, com isso, oportunizar aos aprendizes a visão da diversidade desse repertório linguístico, ou seja, desmistificar a afirmação de que somente o inglês pela perspectiva norte-americana e eurocêntrica (e, porventura, padrão) é válido e, conseqüentemente, propiciar aos alunos na construção de um conhecimento que resulte em sua participação crítica no cenário sócio-histórico-cultural.

O ensino do inglês está conectado à colonialidade do poder por sustentar-se a partir de políticas de colonialidade e imperialismo. Como exemplos de tais políticas, podemos citar a ampla divulgação e utilização de materiais didáticos produzidos nos países ainda considerados detentores da língua, Estados Unidos e Inglaterra [...] (Reis; Oliveira, 2022, p. 3).

Ademais, é relevante discutir novas modalidades para tornar o ensino mais abrangente e menos discriminatório, na medida em que a linguagem está correlacionada a contextos sociais/culturais diversos, sobretudo no contexto de natureza educacional, no qual a interação comunicativa dos envolvidos se torna um instrumento oportuno no processo de ensino e

⁷ “Uma variedade linguística é um dos “modos de falar” uma língua. [...], esses diferentes modos de falar se correlacionam com fatores sociais como lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução etc. (Bago, 2007, p. 46).

⁸ Sociolinguística consiste “[...] na relação entre língua e sociedade, [...] o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística” (Monteiro, 2008, p. 15).

aprendizagem da língua estrangeira.

Retomando a Abordagem Comunicativa, vale mencionar que essa tendência se fundamenta pela concepção sociointeracionista a qual abarca traços preponderantes que coadunam com os da teoria vygotskyana no tocante ao papel do professor, enquanto mediador do processo do ensino e aprendizagem comunicativos e, dos alunos, nas interações entre eles no desenvolvimento das internalizações dos conhecimentos linguísticos (Vygotsky, apud Rego, 2014).

[...] as características e os procedimentos da Teoria Sociointeracional refletem aulas embasadas em métodos e abordagens desenvolvidas a partir dessas novas concepções de ensino de LE, tais como os Métodos Estrutural-Situacional, Funcional, Cognitivo e a Abordagem Comunicativa (Goés *et al.*, 2014, p. 121).

À vista disso, entre as variedades linguísticas existentes no idioma, a variante *Ebonics* /*Black English*, de matriz africana, configura-se em uma abordagem do inglês divergindo dos modelos hegemônicos anglo-saxões e eurocêntricos presentes no material didático brasileiro e, conseqüentemente, nas aulas do idioma, fazendo com que os discentes se conscientizem da existência da diversidade intrínseca da língua, objetivando simultaneamente “[...] a aprendizagem de Inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas” (Brasil, 2017, p. 241).

Isso posto, torna-se relevante explicar os contextos histórico e social sobre a variante em destaque, a fim de argumentar seu papel na conjuntura de uma educação linguística, a qual se opõe à perspectiva utilitarista da língua e, igualmente, demanda espaço nas aulas do idioma no contexto brasileiro.

A variação *Ebonics* é a combinação das palavras *ebony* (ébano) e *phonics* (fonética), ou seja, literalmente significa “a linguagem usada pelos negros”, assim como o termo sinônimo *Black English* (“Inglês Negro”) (Rickford, 2004).

As expressões foram criadas com o propósito de descaracterizar a conotação negativa dada a essa variação linguística classificada como “Inglês Não Padrão”.

Historicamente, segundo Sandles (2022, p. 67, tradução nossa):

[...] Inglês Negro se desenvolveu durante o período da história Americana quando os negros escravizados involuntariamente trouxeram suas inovações linguísticas de partes díspares da África e misturaram com as outras tribos da América, trazendo novas línguas distintas conhecidas como pidgin. Pidgins são as conseqüências de múltiplas linguagens grupais combinadas em situações nas quais a comunicação é necessária. Muitos pidgins cresceram como

consequência da colonização Europeia, onde grupos linguísticos distintos se fundiram devido ao contato forçado; geralmente, os grupos se misturavam porque eram forçados a trabalhar juntos.⁹

Durante esse período, os proprietários dos escravizados costumavam “juntar” os africanos de diferentes vertentes linguísticas para desencorajar a comunicação entre eles e, assim sendo, frustrar possíveis rebeliões; e, como resultado, a tentativa de suprimir a identidade das classes subjugadas.

“[...] os Africanos se apropriaram da língua estrangeira e reconstruíram como uma contralíngua ao sobrepôr suas próprias práticas linguísticas à fala do homem Branco”¹⁰ (Sandles, 2022, p. 68, tradução nossa).

Embora houvesse resistência e persistência pelos falantes em estabelecer, no continente americano¹¹, o uso da *Ebonics/Black English* em sua linguagem habitual o contexto social e, conseqüentemente educacional, aboliram tal variação sob o pretexto de não se encaixar nos regramentos ditos padrões, além de, nas entrelinhas, excluí-la devido a sua origem africana e escravocrata (o que se depreende a questão racista na utilização do repertório linguístico).

Uma outra visão é que *Black English* resulta de uma suposta inferioridade cognitiva inata inerente a pessoas de ascendência africana. Essa perspectiva nasce da ideia antinegra de que os africanos são comparativamente menos intelectuais de que os brancos e, portanto, incapazes de pensar em níveis mais elevados ou, neste caso, formar padrões na fala. Segundo Kendi, essas ideias remontam aos primórdios da civilização americana e permeiam todos os setores da sociedade contemporânea (Sandles, 2022, p. 68, tradução nossa).¹²

Em função disso, a linguagem e os sujeitos são subestimados e, além disso, não são analisados dentro de um contexto de multiculturalismo, isto é, nega-se abordá-los sob a ótica da não homogeneidade (se os indivíduos são permeados por aspectos heterogêneos, por qual razão a linguagem seguiria um direcionamento diverso?), a qual implica os discursos e os indivíduos que fazem seu uso, uma vez que esses sujeitos são dotados de contrastes, inconstâncias e idiossincrasias. “Em contraste com o inglês padrão, o *Black English* é fortemente examinado,

⁹ Original: “Black English was developed during a period of American history when enslaved Black people involuntarily brought their linguistic innovations from disparate parts of Africa and commingled with the other tribes in America, bringing about new, distinct languages known as pidgin languages”.

¹⁰ Original: “[...] the Africans appropriated the foreign tongue and reconstructed language by superimposing their own linguistic practices on the White man’s speech”.

¹¹ Continente americano aqui se refere, mais precisamente, aos Estados Unidos.

¹² Original: “Another view is that BE results from the supposed inborn cognitive inferiority possessed by people of African descent. This perspective is born out of the anti-Black idea that African are comparably less intellectual than their White counterparts and are therefore incapable of thinking at higher levels, or in this case, forming standardized speech patterns. According to Kendi, these ideas trace back to the earliest days of American civilization and permeate all sectors of contemporary society”.

caluniado e desvalorizado. [...] nenhuma língua foi tão fortemente escrutinada quanto o *Black English* nas últimas décadas” (Sandles, 2022, p. 65, tradução nossa).¹³

De acordo com Valente (2002, p. 79):

Dito de outra maneira, as diferenças culturais aparecem como ‘problema’ quando movimentos de integração homogeneizadora procuram suprimi-las ou mantê-las sob controle, de forma que não coloque em risco o seu projeto. [...] a preocupação em torno das diferenças, transformando-as em um ‘problema’, quando são marcas distintas e necessárias da condição humana [...].

Tais aspectos, históricos e sociais, introduzem as discussões e questionamentos acerca da abordagem da variação *Ebonics/Black English* no contexto educacional brasileiro.

Nesse sentido, Bagno (2007) declara que um dos melhores cenários, senão o melhor, para discussões acerca da pluralidade na forma de os indivíduos se expressarem em suas comunicações habituais é a sala de aula, visto que esse ambiente é dotado de um multiculturalismo explícito e, conseqüentemente, essa particularidade igualmente intervém, de forma expressiva, no repertório linguístico usado pelos discentes.

Para muitos educadores, uma associação próxima e acompanhada de intimidade com o inglês padronizado é de extrema importância. [...] aqueles que adotam uma orientação deficitária sobre o inglês não padrão fazem afirmações ousadas sobre o suposto nexos entre as formas de linguagens e a aptidão acadêmica dos alunos. Esta e outras ideias pejorativas sobre estilos de linguagem ‘não padrão’ continuam a influenciar os complexos dos salvadores da norma padrão por parte dos professores inspirados em anglicizar os padrões de pensamento e fala dos alunos (Sandles, 2022, p. 63, tradução nossa).¹⁴

Entretanto, as circunstâncias que, possivelmente, impossibilitam na prática empreender uma educação/pedagogia sociolinguística é o desconhecimento por parte dos educadores sobre a variação linguística como “[...] ferramenta relevante a ser empregada no sentido em que se valoriza a língua materna ou o discurso primário¹⁵ dos alunos e cria uma ponte entre os dois estilos¹⁶ de linguagem”¹⁷ (Sandles, 2022, p. 78, tradução nossa) e,

¹³ Original: “In contrast to standard English, BE is heavily scrutinized, maligned, and devalued. [...], no dialect has been as heavily scrutinized as BE in recent decades”.

¹⁴ Original: “For many educators, a close association and accompanying intimacy with standardized English is of the most importance. [...] those who embrace a deficit orientation about standard English make bold assertions about the supposed nexus between those speech forms and students’ academic aptitude. This and other pejorative idea about “substandard” language styles continue to influence savior complexes on the parts of teachers inspired to anglicize students’ thinking and speech patterns”.

¹⁵ Discurso apreendido no círculo familiar e na comunidade.

¹⁶ Padrão e não padrão.

¹⁷ Original: “[...] important tool for teacher to use, as it values student’s mother tongue or primary discourse, and it creates a bridge between the two languages styles”.

sobretudo, o interesse em manter o *statu quo* por meio da afirmação de que a norma padrão é incontestável e a gramática deve nortear as comunicações usuais (Bagno, 2007).

O docente em línguas possui o encargo de apresentar aos discentes a importância das variações linguísticas no ambiente da sala de aula e, por consequência, debater conceitos como preconceito linguístico e simultaneamente incitar discussões acerca das mudanças linguísticas inerentes à linguagem.

É mais do que justo que o professor explique, com base em teorias linguísticas consistentes, a origem e funcionamento das formas linguísticas consideradas não-padrão, que mostre as regras gramaticais que governam cada uma delas. Isso deixará claro que as opções alternativas à regra-padrão tradicional não são caóticas nem confusas nem incoerentes: muito pelo contrário, obedecem [sic] regras tão lógicas e consistentes quanto as que governam a opção-padrão e por isso podem ser explicadas cientificamente (Bagno, 2002, p. 53).

No que diz respeito a uma pedagogia linguística, Labov (1994) foi taxativo ao apontar as variações linguísticas no contexto de ensino, mais precisamente a não adoção no processo de ensino e aprendizagem.

“O mito da privação verbal é extremamente perigoso, porque desvia a atenção das verdadeiras falhas de nosso sistema educacional para defeitos que não existem na criança” (Labov, 1994, p. 202).

Ademais, justificam-se o estudo e emprego da variação, visto que (como notoriamente ocorreu na Língua Portuguesa no que se refere à incorporação de palavras de origem indígena e também africana, a título de exemplos, em seu léxico) a Língua Inglesa igualmente incluiu os vocábulos de matriz *Ebonics/Black English* em seu repertório linguístico dimensionando, dessa forma, o valor de suas contribuições e, como complemento, (re)pensar a língua dotada de vulnerabilidade devido a sua suscetibilidade às influências de diversas origens.

[...] os alunos deveriam desejar a aprender essa variação visto que os precursores da *Black English* contribuíram com palavras de origem africana para o léxico do inglês americano, incluindo as palavras quiabo, inhame e banjo. Idealmente, esta informação despertaria curiosidade sobre as contribuições adicionais feitas pelos negros ao léxico inglês dominante (Sandles, 2022, p. 71, tradução nossa).¹⁸

Sob a perspectiva de Labov (1972), as mudanças linguísticas apresentam regramentos

¹⁸ Original: “[...] learners should desire to learn about the language form because early BE speakers contributed African originated words to the American English lexicon, including *gumbo*, *yam* and *banjo*. Ideally, this information would pique curiosity about additional contributions made by *Black* people to the mainstream English lexicon”.

em suas construções e esses mesmos regulamentos resultam em organização e ordem na formação e no uso da variação na oralidade, ou seja, não são, ao acaso, as particularidades encontradas em um ambiente interativo de comunicabilidade, e sim a espontaneidade que se manifesta devido à demanda de uma sociedade imprevisível e complexa na conjuntura sócio-histórica.

Sendo assim, a justificativa de que a variação *Ebonics/Black English* não possa ser legitimada em um espaço educativo, por não ser considerada padrão, é confrontada. Sandles (2022, p. 70, tradução nossa)¹⁹ ressalta:

Os estudos mostram que *Black English* é regido por regras e padrões previsíveis, assim como outras línguas possuem essas características.
[...] *Black English* pode ser marcado em termos de seu léxico (vocabulário), sintaxe (gramática) e fonologia (pronúncia) e os elementos lexicais são visivelmente criticados por aqueles que demonizam os falantes do *Black English*.

Salienta-se, inclusive, a defesa da variação linguística, uma vez que “[...] *Ebonics* não é um dialeto inglês, mas uma língua separada, legítima, rica e a língua primária de seus alunos negros. Resumindo, *Ebonics* serve como a língua materna dos estudantes negros” (Sandles, 2022, p. 67, tradução nossa).²⁰

Por influência disso, cabe refletir a pertinência em discorrer sobre a variação *Ebonics/Black English* nas aulas de Língua Inglesa no Brasil, a fim de atender às demandas preconizadas pelas diretrizes educacionais de língua estrangeira. Ademais, torna-se relevante refletir e argumentar o contexto escolar em estabelecer somente o ensino na língua padrão e desconsiderar uma significativa variação linguística intrínseca ao idioma estrangeiro em debate.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 214) afirma:

Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do ‘estrangeiro’, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido [...].
Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês ‘correto’ a ser ensinado é aquele falado por estadunidenses ou britânicos.
Para além da definição do que é certo e do que é errado, essas descobertas devem propiciar reflexões sobre noções como ‘adequação’, ‘padrão’, ‘variação linguística’ e ‘inteligibilidade’, levando o estudante a pensar sobre os usos da língua inglesa,

¹⁹ Original: “The studies show that BE is governed by rules and predictable patterns just as other language possess those features. [...] BE can be marked in terms of its lexicon (vocabulary), syntax (grammar), and phonology (pronunciation) and that the lexical elements are conspicuously criticized by those who demonize BE speakers”.

²⁰ Original: “*Ebonics* is not an English dialect, but a separate, legitimate, and rich language and the primary language of its Black students. In short, *Ebonics* serves as the mother tongue of Black students”.

questionando, por exemplo: ‘Essa forma de usar o inglês estaria ‘adequada’ na perspectiva de quem? Quem define o que é o ‘correto’ na língua? Quem estaria incluído nesses usos da linguagem? Quem estaria silenciado?’

O questionamento quanto aos silenciados, ante suas particularidades linguísticas, transcende o campo do léxico e empenha-se em analisá-las no contexto da colonização brasileira que ocasionou o fenômeno “glotocídio” (diante das línguas de matrizes africana e indígena), definido como “[...] processo de marginalização de uma língua no seio de uma comunidade de falantes, em favor de outro (s) idioma (s), resultando no gradual desaparecimento dessa língua” (Glotocídio, 2023, [s.p]).

As contribuições dos vocábulos africano e indígena são inquestionáveis na Língua Portuguesa, entretanto encontram-se apartados em uma conjuntura crítico-reflexiva no contexto educacional; por isso, são menosprezados assim como são os falantes dessas línguas. “Assim, o sistema escolar estava apoiado no uniformitarismo cultural, o que incluía o uso apenas da língua portuguesa [...]” (Nobre, 2018, p. 14).

Em vista disso, a predominância daqueles léxicos ocupa espaços, contextos sociais e situações que diferem da esfera das instituições de ensino, especialmente, a título de exemplo, da conjuntura afro-americana, em que se confirma:

Algumas línguas africanas, que chegaram no Brasil há quase 500 anos sobrevivem como um modo de falar peculiar a uma faixa etária ou a grupo de pessoas que se dedicam a determinadas atividades. Suas principais funções são: utilização em rituais religiosos e utilização como língua ‘secreta’, com fins lúdicos (Nobre, 2018, p. 7).

Similaridades quanto à negação em reconhecer e adotar as variações desses grupos (tratados de forma depreciativa) estão presentes nos contextos educacionais brasileiro e norte-americano. Diante disso, inviabiliza-se uma reflexão crítica da língua atravessada por suas condições históricas, sociais e culturais.

Entende-se que o processo de ensino e aprendizagem do idioma não se restringe exclusivamente a adquirir a fluência dele, mas promover um posicionamento crítico-reflexivo sobre o viés histórico e social da população oprimida.

Black English também tem riqueza histórica na medida em que conecta falantes e ouvintes às formas de linguagem africana e americana antiga [...]. Essas discussões também envolvem implicitamente referências a poder e influência, pois incluem informações importantes sobre as pessoas, ou seja, suas conexões com os sujeitos, lugares e períodos ao longo da história (Sandles, 2022, p. 72, tradução nossa).²¹

²¹ Original: “BE also has historical richness in that connects speakers and listeners to African and early

Em virtude dos fatos mencionados, depreende-se que ser competente no uso da língua não se define somente ao uso da norma padrão, mas ser capaz de servir-se das múltiplas formas, ao manifestar opiniões, ideias, sentimentos, troca de informações no estabelecimento de uma comunicação de fato (Bagno, 2002).

Assim sendo, o questionamento a ser formulado, quanto à linguagem, versa sobre os fatos sociais presentes em diversos contextos comunicacionais, isto é, atender primeiramente às demandas sociais linguísticas, desmistificando, por exemplo, a visão do inglês (apenas) como um idioma orientado por suas regras gramaticais e, com isso, considerar a língua como um símbolo (contestando sua função de simplesmente comunicar) e refletir sobre sua finalidade como prática social.

Considerações Finais

Depreende-se, mediante as análises e discussões expostas, o reconhecimento de uma prática educativa e significativa da Língua Inglesa no contexto educacional brasileiro onde seja possível transcender o objetivo único de adquirir a proficiência do idioma, quando, na prática, se torna legítima a incumbência em discorrer, e, de fato, incitar e questionar, sobre os elementos imprevisibilidade e inevitabilidade próprios da língua e, igualmente, sobre os componentes indissociáveis que dela fazem parte: os interlocutores e os respectivos contextos histórico, social e cultural.

Assim sendo, tornam-se exequíveis o reconhecimento e a pertinência da variação linguística *Ebonics/Black English* no domínio das aulas de Língua Inglesa como intercâmbio social, em virtude de que as individualidades com as quais os falantes se expressam estão imersas em seus grupos sociais que compartilham a mesma língua empregada nas situações sociais e habituais de interação e de comunicação.

Isso posto, as argumentações até este momento concentram-se no objetivo de tratar a língua, principalmente no contexto educacional, sob a ótica da complexidade de sua constituição em razão da heterogeneidade dos sujeitos que dela se apropriam inevitavelmente, resultando nas variações linguísticas propriamente ditas.

American language forms [...]. These discussions also implicitly involve references to power and influence, as they include important information about people, namely their connections with people, places, and times periods throughout history”.

[...] as pesquisas acerca da variação podem contribuir para fornecer material para que as aulas sejam baseadas na forma como realmente os nativos falam, na preparação de material com diversos tipos de registros com as suas variações linguísticas típicas, na escolha do dialeto a ser ensinado, dentre outros elementos (Martelotta, 2023, p. 153).

Salientando que o reconhecimento de uma variedade linguística que está presente nas comunicações se encontra-se depreciado no contexto de ensino e aprendizagem e, em consequência, deixa também de oportunizar aos discentes desenvolver suas capacidades no âmbito da reflexão e criticidade da língua/linguagem como atividade social pois, demanda-se desses educandos posicionarem-se “[...] como seres sócio-históricos e culturalmente situados [...]” (Vygotsky, apud Rego, 2014, p. 15).

Logo, a efetivação de uma educação sociolinguística ocasiona visualizar a Língua Inglesa mais como uma representação e menos como um instrumento, ou seja, não a tratar como um meio para algo e, na verdade, para uma finalidade que exercita refletir sobre ela, desprendendo-a de seu uso por si só.

À vista disso, cabe a reflexão de uma educação linguística como ferramenta para o empoderamento individual e coletivo que resulte na emancipação dos alunos e fomente mudanças na realidade das salas de aula.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: [index.php\(mec.gov.br\)](http://index.php(mec.gov.br)). Acesso em: 09 set. 2024.
- BORDELOIS, Ivonne. **A palavra ameaçada**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.
- BUCHWEITZ, Marlise *et al.* **Linguística aplicada ao ensino de inglês**. Porto Alegre: SAGAH, 2018.
- GLOTOCÍDIO. *In*: Infopédia. **Dicionários**. Porto: Porto Editora, [s.d.]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/pesquisa/gloloc%C3%Addio>. Acesso em: 15 out. 2023.
- GOÉS, Maria Claudia *et al.* **As principais metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.
- LABOV, Willian. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. v. 1.
- LABOV, Willian. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

1972.

LABOV, Willian. The Reflection of Social Processes in Linguistic Structures. *In*: FISHMAN, Joshua (ed.). **Reading in the sociology of language**. The Hague: Mouton, 1968.

MARTELOTTA, Mário Eduardo, et al. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NOBRE, Wagner Argolo. Quinhentos anos de história social-linguística do Brasil. **Fórum Linguístico**, v. 15, n. 2, 2018. p. 3093-3110. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6499234>. Acesso em: 20 set. 2024.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes. 2014.

REIS, Patrícia; OLIVEIRA, Layenne. Ensino e aprendizagem de inglês no sul epistêmico: racialização, classes sociais e exclusão. **Gragoatá**, v. 28, p. e53321, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gragoata/a/jHvbqQkNvDzvJ4WBgxWBFTP/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

RICKFORD, John. **What is ebonics?** (African American Vernacular English). Linguistic Society of America. 2004. Disponível em:

<https://old.linguisticsociety.org/sites/default/files/Ebonics.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

SANDLES, David L. Power to the people: using black english and rap to empower students. **Journal of African American Studies**, v. 26, n. 1, p. 63-80, 2022. Disponível em: Poder para o povo: usando o inglês negro e o rap para capacitar os alunos (researchgate.net). Acesso em: 10 set. 2024.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. *In*: GIMENEZ, Telma *et AL* (org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 87-116.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basic of qualitative research: techniques and procedure for developing grounded theory**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998. p. 380.

VALENTE, Ana Lúcia. Os negros, a educação e as políticas de ação afirmativa. **Revista Brasileira de Educação**, p. 76-76, 2002.

Reflections on linguistic variation *Ebonics/Black English* in English language classes in the brazilian educational context

Abstract: Based on bibliographical research, the article aims to discuss the relevance of addressing the *Ebonics/Black English* linguistic variation in English classes in order to demystify the use of Standard Norm's language and refute the dominance of the Anglo-Saxon and Eurocentric aspects of the language. The theoretical Sociolinguistics together with the guidelines of the (Brasil) and the (PCN) English Language's call for a linguistic and meaningful pedagogy within the scope of a MFL²². Therefore, there is a teaching and learning process that results critical students regarding the historical and social contexts of the subjects subjugated in

²² Modern Foreign Language.

debate. At the end of the discussions, the teaching of English in Brazil is seen as opportune, treating it from a perspective that is not limited to the acquisition of the language itself, but that encourages reflection on the singularities of the subjects in their socio-historical-cultural aspects.

Key-words: Education; English Language; *Ebonics/Black English*.

<p>Recebido em 30 de setembro de 2024 Aprovado em 29 de novembro 2024 Publicado em 31 de dezembro de 2024</p>
--